

## A mudança linguística sob a ótica da Linguística Funcional

Language change under the view of Functional Linguistics

DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v5i1.15272>

*Maria Angélica Furtado da Cunha*

Professora Titular de Linguística da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e professora visitante da Universidade da Paraíba. É doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. É líder do Grupo de Estudos Discurso & Gramática da UFRN e pesquisadora do CNPq. Coorganizadora de livros e autora de vários capítulos e artigos sobre gramática de construções, estrutura argumental, transitividade, negação, e sua relação com o ensino de gramática.

E-mail: [angefurtado@gmail.com](mailto:angefurtado@gmail.com)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3128-6852>

*José Romerito Silva*

Professor Associado 2 da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). É vinculado à Escola de Ciências e Tecnologia (ECT/UFRN), ministrando disciplinas na área de Práticas de Leitura e Escrita, e ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL/UFRN), atuando no desenvolvimento e na orientação de pesquisas em Linguística Funcional Centrada no Uso junto ao grupo de estudos Discurso & Gramática.

E-mail: [jromeritosilva@hotmail.com](mailto:jromeritosilva@hotmail.com)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2507-9742>

## RESUMO

Neste trabalho, temos como foco central o tratamento da mudança linguística sob a ótica da Linguística Funcional. Nosso objetivo é traçar um breve histórico da abordagem desse fenômeno a partir de vieses distintos no âmbito do paradigma funcionalista, procurando identificar avanços e aprimoramentos das pesquisas sobre esse tema. Para tanto, recuperamos, primeiramente, estudos da gramaticalização no quadro da Linguística Funcional clássica, ou de vertente norte-americana. Em seguida, focalizamos a proposta que buscou articular o estudo da gramaticalização ao conceito de construção. Por fim, apresentamos a abordagem construcionista de mudança linguística, especialmente na linha de Traugott e Trousdale (2013) bem como na de Hilpert (2013a, 2013b).

**Palavras-chave:** Mudança linguística. Gramaticalização. Linguística Funcional. Gramática de Construções.

## ABSTRACT

In this paper, we take as central issue the treatment of linguistic change under the view of Functional Linguistics. Our aim is to draw a brief record of how this grammatical phenomenon has been approached from distinct biases within the scope the functionalist paradigm, attempting to identify advances and improvements of the researches on this subject. Therefore, we first recover studies on grammaticalization in the framework of classic Functional Linguistics, or North-American strand. Afterwards, we focus on the proposal that tried to articulate the study of grammaticalization to the concept of the construction. Finally, we present the constructional approach to linguistic change, especially in terms of Traugott and Trousdale (2013) as well as Hilpert (2013a, 2013b).

**Keywords:** Language change. Grammaticalization. Functional Linguistics. Construction Grammar.

## Para começar

A mudança linguística tem sido tratada sob a ótica de variadas perspectivas teórico-metodológicas. Dos estudos histórico-comparativistas do século XIX à abordagem mais recente de viés construcionista, esse fenômeno tem sido examinado de ângulos diversos, os quais variam desde os de visão mais atomista, que consideravam itens isolados, até os que defendem que a mudança se processa envolvendo um conjunto de itens articulados e interdependentes em alguma medida. As investigações também variam entre os que tratavam as mutações na língua como leis naturais e inexoráveis do próprio sistema linguístico aos que creditam tais mutações, majoritariamente, a pressões do uso.

Em vista disso, neste artigo, atemo-nos mais particularmente ao tema da mudança linguística no âmbito da Linguística Funcional norte-americana. Nele, procuramos traçar um breve quadro panorâmico dessa questão nesse modelo, conforme vem sendo investigada nos últimos quarenta anos.

Nessa direção, inicialmente, fazemos uma sucinta explanação sobre os estudos da gramaticalização segundo o Funcionalismo de inspiração em Givón (1979a, 1995), Heine, Claudi e Hünnemeyer (1991), Bybee, Perkins e Pagliuca (1994), Lehmann (2002), Hopper e Traugott (2003 [1993]), entre outros. A seguir, com base na proposta de Noël (2007), apresentamos a tentativa de articulação do paradigma de gramaticalização ao conceito de construção, mais conhecida como “Gramática de Construções Diacrônica”. Finalizamos com a perspectiva construcional de investigação da mudança na língua tendo como suporte a proposição de Bybee (2010, 2015) e, mais especificamente, a de Traugott e Trousdale (2013) e a de Hilpert (2013a, 2013b).

## 1. Gramaticalização

Identificamos a Linguística Funcional Clássica como a vertente funcionalista desenvolvida entre o final da década de 1970 em diante, até meados dos anos 2000, principalmente nos Estados Unidos, por autores como Givón (1979a), Traugott (1982), Hopper (1987), Thompson e Mulac (1991).

O modelo clássico da Linguística Funcional, que corresponde à vertente norte-americana, aborda o fenômeno de mudança linguística sob o prisma da gramaticalização. O termo “gramaticalização” parece ter sido usado pela primeira vez por Meillet (1912), para designar o desenvolvimento de morfemas gramaticais com base em palavras de conteúdo, ou itens lexicais. Sob rótulos variados, como sintaticização, gramatização, gramaticização e gramaticalização, tem sido

utilizado por linguistas de diferentes épocas e origens para explicar mudanças linguísticas que se dão com itens que passam do léxico para a gramática ou que se especializam dentro da própria gramática.

Nos anos 1970, ressurgiu, na Linguística Funcional, o interesse pelo paradigma da gramaticalização. No livro seminal *On understanding grammar*, Givón (1979a) emprega o termo “sintaticização” para argumentar a favor de uma definição discursiva de sintaxe, definindo-a como uma entidade dependente, funcionalmente motivada, em oposição à postura gerativista. Antes disso, seu artigo intitulado *Historical syntax and synchronic morphology: an archeologist’s field trip*, de 1971, é apontado como responsável pela retomada dessa linha de investigação, iniciada por Meillet no começo do século XX, e deixada de lado durante todo o período de supremacia da abordagem gerativa. É de Givón o famoso slogan “Today’s morphology is yesterday’s syntax” [A morfologia de hoje é a sintaxe de ontem].

Embora os linguistas tenham sempre se questionado a respeito da origem e do desenvolvimento das categorias gramaticais, a gramaticalização, tal como concebida aqui, é um paradigma retomado e desenvolvido no quadro da linguística funcional norte-americana. O interesse no processo de gramaticalização, no entanto, data do século XIX.

Como muitos outros termos na linguística, “gramaticalização” se refere tanto a um paradigma explanatório como a um processo (HOPPER; TRAUGOTT, 2003 [1993]). Como paradigma, a gramaticalização focaliza como as formas e as expressões gramaticais surgem, são usadas e modelam a língua. Nesse sentido, o paradigma da gramaticalização diz respeito à interdependência entre estrutura e uso, buscando, então, descrever e explicar, concomitantemente, um tipo especial de variação/mudança linguística e o grau de desgaste/manutenção das formas que mudam. Como processo, o termo “gramaticalização” se refere ao fenômeno linguístico que o paradigma de gramaticalização procura entrever, ou seja, os processos pelos quais os itens se tornam mais gramaticais ao longo do tempo. Nesse caso, a gramaticalização é entendida como um processo diacrônico e um continuum sincrônico, que atingem tanto as formas que vão do léxico para a gramática como as formas que mudam no interior da gramática e os padrões fluidos do uso da língua (KURYLOWICZ, 1965). Trata-se de um processo linguístico de organização de categorias e de codificação que pode ser estudado através do tempo assim como em uma dada sincronia.

Na acepção funcionalista, a gramática está num contínuo fazer-se, o que encontra respaldo nas noções de gramática emergente, segundo Hopper (1987) ou de sistema adaptativo, nos termos de Du Bois (1985). A língua é tida como uma estrutura maleável, plástica, uma vez que está sujeita às pressões do uso e se constitui de um código não inteiramente arbitrário (VOTRE; NARO, 1989). A codificação morfossintática é, em grande parte, resultado do uso da língua. Assim, na trajetória dos processos de regularização linguística, tudo começa sem regularidade alguma, numa espécie de ensaio e erro, exatamente por estar no seu começo. Mas o uso e a repetição exercem uma pressão tal

que o que no começo era casuístico se regulariza, fixando-se e se convertendo em norma (GIVÓN, 1979b, 1995).

No momento de estabilização, verifica-se o nível de iconicidade máxima, isto é, da relação transparente entre expressão e conteúdo, representando o máximo de economia comunicativa, o máximo de rentabilidade sistemática. Essa estabilidade, entretanto, é ilusória. O que se sistematiza pode, posteriormente, entrar em um processo de desgaste, com opacidade das relações entre expressão e conteúdo (GIVÓN, 1990).

O discurso é, portanto, o ponto de partida para a gramática e seu ponto de chegada. Quando algum fenômeno discursivo, em decorrência da frequência de uso, passa a ocorrer de forma previsível e convencional, pode entrar na regularidade da gramática (GIVÓN, 1979b). No mesmo sentido, quando determinado fenômeno que estava na gramática passa a ter comportamentos não previsíveis e atípicos, em termos de regras seletivas, podemos dizer que sai da gramática e retorna ao discurso.

Com o avanço dessa linha de pesquisa, a gramaticalização não é mais vista simplesmente como a reanálise de material léxico em material gramatical, conforme postulada por MEILLET (1912), mas também como a reanálise de padrões discursivos em padrões gramaticais e de funções no nível do discurso em funções semânticas, no nível da sentença (GIVÓN, 1979b; HOPPER, 1979).

Segundo Gonçalves et al. (2007), a evolução dos estudos sobre gramaticalização pode ser esboçada conforme as seguintes versões:

- (a) a versão apresentada por Meillet, que concebe a gramaticalização como o processo léxico > gramática;
- (b) a versão de Kurylowicz, que acrescenta ao cline de Meillet a trajetória -gramatical > +gramatical;
- (c) a versão funcionalista [mais recente], que defende a passagem de qualquer material linguístico > material +gramatical.

Em um estudo discutindo os limites da gramaticalização, Ramat (1998) fornece um quadro resumo quanto aos tipos de gramaticalização, focalizando a relação forma/função, o qual apresentamos a seguir:

Quadro 1 – Tipos de gramaticalização.

Função	Forma	Tipo de gramaticalização
Velha	Nova	Renovação formal
Nova	Velha	Exaptação
Nova	Nova	Criação de nova categoria

Fonte: Adaptado de Ramat (1998).

O primeiro caso (função velha e forma nova – *renovação formal*) diz respeito ao fato de uma dada estrutura gramatical já existente passar por alguma alteração formal, porém mantendo basicamente o mesmo significado. Um exemplo disso, no português, é a negação pós-verbal, em que “não” é utilizado posposto ao verbo com a mesma função de negar a noção expressa por este (FURTADO DA CUNHA, 2000). O segundo (função nova e forma velha – *exaptação*) é um caso atípico de gramaticalização, que tem a ver com o fato de uma estrutura gramatical já existente desenvolver uma função drasticamente nova, não previsível, realocando-se no sistema linguístico. É o que Pato (2018) denomina como “refuncionalização”. Um exemplo disso é a reutilização, no português, do morfema latino de gênero neutro plural “-a” como marca do feminino singular (cf. TRAUGOTT, 2004), tal como em “lenha”, “folha”, por exemplo. O terceiro se relaciona aos fenômenos de mudança forma e funcional, que resulta na emergência de uma nova categoria gramatical. Tal mudança pode ser ilustrada com a gramaticalização do pronome pessoal de terceira pessoa no português – “ele” –, que se desenvolveu do pronome demonstrativo latino “ille”.

Em síntese, gramaticalização, segundo a ótica funcionalista, é um fenômeno ao mesmo tempo sincrônico, vinculado à variação linguística, e diacrônico, posto que essa variação pode resultar em mudança no plano da forma e/ou no da função da língua. Essas alterações/mutações atingem o plano da forma em razão da emergência de uma nova configuração morfossintática; no plano da função, tais modificações se dão em termos semânticos e discursivo-pragmáticos (TRAUGOTT; HEINE, 1991; HOPPER; TRAUGOTT, 2003 [1993]).

Em relação à forma, observam-se, por exemplo, formas livres que se tornam formas dependentes ou presas, passando à condição de menos integradas para mais integradas sintática ou morfologicamente. Exemplos disso podem ser encontrados em Martelotta (2008) e em Lopes-Damasio e Santos (2016) quanto aos estudos da gramaticalização de conectivos/juntores no português. No que se refere à função, verifica-se a transformação de conteúdos mais lexicais/referenciais em outros de funções mais procedurais. Nesse sentido, conteúdos de acepção mais ligada ao mundo concreto/objetivo passam a designar significados mais abstratos/subjetivos. Desse modo, a gramaticalização processa-se por meio de *clines* (ou trajetórias) mais ou menos regulares e unidirecionais de mudança linguística (GIVÓN, 1979b; HAIMAN, 1991; HEINE; CLAUDI; NÜNNEMEYER, 1991; TRAUGOTT; KÖNIG, 1991).

Estudos em gramaticalização, como os de Hopper (1991), apontam alguns princípios envolvidos no processo de emergência de formas gramaticais, a saber: *estratificação (layering)*, *divergência*, *especialização*, *persistência* e *descategorização*. Lehmann (1985), por sua vez, apresenta alguns parâmetros sob os quais esse processo pode ser aferido, tanto em termos paradigmáticos como sintagmáticos. São eles *peso*, *coesão* e *variabilidade*. Ainda na esteira desses estudos, Hopper e Traugott (2003 [1993]) identificam alguns mecanismos subjacentes à gramaticalização, entre eles, *analogia* e *reanálise*, ambos relacionados, respectivamente, aos processos de *metaforização* e *metonimização*. Hopper e Traugott também fazem referência a certas trajetórias escalares (ou *clines*) por que passam as formas linguísticas em vias de gramaticalização, as quais vinculam-se à noção de unidirecionalidade desse fenômeno. Dessas trajetórias, citamos, por exemplo, os *clines* léxico > sintaxe > morfologia, ou forma livre > forma dependente > forma presa; concretude > abstratização<sup>1</sup>.

No Brasil, o paradigma de gramaticalização tem sido aplicado em pesquisas funcionalistas e formalistas. A primeira publicação que apresenta resultados dessas pesquisas é Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional, organizado por pesquisadores do Grupo Discurso & Gramática, Martelotta, Votre e Cezário (1996). Os trabalhos desenvolvidos pelos pesquisadores desse grupo privilegiavam:

- (a) a trajetória dos elementos linguísticos do léxico à gramática, que compreende, por exemplo, a passagem de verbo pleno a auxiliar, como ocorreu com o verbo de movimento *ir*, que passou a designar futuro;
- (b) a trajetória de vocábulo a morfema, que ocorreu, por exemplo, com as mudanças *amar + hei* > *amarei* e *tranquila + mente* > *tranquilamente*;
- (c) a trajetória de categorias menos regulares para categorias mais regulares, como aconteceu, por exemplo, com a emergência das formas *seje* e *menas*, as quais são “variantes” populares dos padrões tradicionais *seja* e *menos*, respectivamente;
- (d) a trajetória que levou um padrão sintático a se especializar em expressar função gramatical, como, por exemplo, o padrão *Verbo-Sujeito*, que funciona como introdutor de informação nova e de sujeito não tópico;
- (e) a trajetória que levou orações negativas relativamente livres a se tornarem mais fixas em função de estratégias discursivas determinadas, como em *num aceite não* e *quero não*, por exemplo.

---

<sup>1</sup> Por não pretendermos aqui realizar uma explanação mais pormenorizada sobre gramaticalização, em razão de não ser tarefa deste artigo, os princípios de Hopper (1991) e os parâmetros de Lehmann (1985) não serão explicitados em detalhe. Do mesmo modo, os mecanismos e os processos bem como os *clines* e a noção de unidirecionalidade referidos em Hopper e Traugott (2003 [1993]) também não serão detalhados. Para tanto, remetemos à leitura desses autores.

O termo “gramaticalização”, portanto, é tomado em dois sentidos relacionados: a gramaticalização *stricto sensu* diz respeito à mudança que atinge as formas que migram do léxico para a gramática (FURTADO DA CUNHA; SILVA, 2007); a gramaticalização *lato sensu* busca explicar as mudanças que se dão no interior da própria gramática, compreendendo aí os graus de aderência/dependência de elementos gramaticais e os processos sintáticos e/ou discursivos de fixação da ordem vocabular (OLIVEIRA, 2000; FURTADO DA CUNHA, 2000).

## 2. Gramaticalização e gramática de construções

Desde Meillet (1912), a definição tradicional de gramaticalização faz referência ao processo de mudança pelo qual itens lexicais se tornam gramaticais. Contudo, os casos de gramaticalização estudados, tanto no inglês como no português, compreendem não apenas itens lexicais isolados, mas cadeias morfossintáticas, como ocorre com a passagem de *be going to*, em inglês, e *ir + V<sub>INF</sub>*, em português, a auxiliar de futuro, conforme é apresentada, respectivamente, em Bybee, Perkins e Pagliuca (1994) e em Silva (2000), por exemplo.

É interessante observar que, em um texto pioneiro de 1982 – *Thoughts on grammaticalization* –, Lehmann chama a atenção para o fato de que a gramaticalização não incide sobre uma palavra ou morfema simplesmente, mas toda a construção formada pelas relações sintagmáticas do elemento em questão. Na mesma direção, em *The evolution of grammar*, Bybee e coautores (1994), ao tratar de *grammaticization*, afirmam que os morfemas gramaticais se desenvolvem gradualmente de morfemas lexicais ou de combinações de morfemas lexicais e/ou de morfemas gramaticais. Por sua vez, Traugott (2003), em *Constructions in grammaticalization*, ressalta que, nos estágios iniciais de gramaticalização, os lexemas se gramaticalizam somente em certos contextos morfossintáticos altamente especificados e sob certas condições pragmáticas específicas.

A gramaticalização de “be going to” como auxiliar de tempo futuro ilustra bem esse argumento, conforme mostram Hopper e Traugott (2003 [1993]). No processo de auxiliarização para expressar futuro, a princípio, foi crucial, nesse contexto, o fato de “be going” designar deslocamento espacial progressivo relacionado a um sujeito animado volitivo, bem como a preposição “to” indicar direção/intenção e o verbo da oração seguinte exprimir uma ação concreta. Posteriormente, mediante o mecanismo de reanálise, a preposição “to” agregou-se à locução verbal “be going” para compor com esta um todo designativo de futuro, podendo essa locução associar-se a verbos denotativos de algum(a) evento/ação da oração seguinte. Por fim, pelo mecanismo de analogia, “be going to” estendeu a ideia de futuro a qualquer verbo; além disso, não mais vinculando-se, necessariamente, a sujeitos animados volitivos.



Nos comentários desses autores transparece a ideia de que é o item e seu entorno morfossintático em um dado contexto pragmático que se gramaticalizam. Todavia, ainda não há recurso ao conceito de construção como pareamento de forma-função; ou, quando o termo “construção” aparece, como no texto de Traugott (2003), ele é usado sem definição teórica explícita, significando tão somente uma dada sequência de elementos linguísticos com unidade semântica<sup>2</sup>.

Com o objetivo de associar a teoria da gramaticalização ao modelo da Gramática de Construções (GC), Noël (2007) questiona se a primeira poderia simplesmente tornar-se um ramo da segunda, e conclui que esses modelos devem ser mantidos separados porque nem todas as construções se gramaticalizam. Noël acrescenta que apenas alguns poucos pesquisadores que praticam linguística histórica se alinham à GC, numa disciplina que poderia ser nomeada Gramática de Construções Diacrônica. Segundo ele, a maioria das pesquisas sobre construções gramaticais é de natureza teórica e/ou sincrônica.

Dando continuidade à sua argumentação, Noël assinala que, como a GC abarca tanto construções lexicais como construções gramaticais, se gramaticalização é definida como uma mudança de elementos do léxico para a gramática, então ela não é um tema na GC. Assim, para resolver esse impasse, a saída seria adotar uma definição bastante ampla de gramaticalização, concebendo-a como a emergência de construções em uma língua<sup>3</sup>.

Noël conclui sua discussão apontando que a falha da gramática de construções diacrônica consiste em não traçar uma distinção explícita entre a formação inicial de uma construção, ou seja, a associação de um significado a uma configuração morfossintática particular, e a possível mudança subsequente de uma construção em uma construção mais gramatical. Para ele, os dois desenvolvimentos devem ser mantidos separados pois nem todas as construções se gramaticalizam.

Na mesma direção, Traugott (2008a, 2008b, 2009) também investiga o fenômeno da gramaticalização com base na perspectiva construcional, reconhecendo que a construção é um esquema abstrato que abre espaço para generalizações, realinhamentos e negociações na interação comunicativa, motivando, assim, a mudança. Focalizando a emergência de construções pseudoclivadas, a autora procura conjugar o paradigma de gramaticalização, em especial, na linha de

---

<sup>2</sup> Cabe assinalar que, em sua formulação inicial – ao menos até as primeiras incursões nos estudos sobre mudança linguística, ou sobre gramaticalização de construções –, segundo nos informa Traugott (2008b), a GC não se propõe como um modelo de investigação com interesse em diacronia, conforme se vê nos trabalhos de Goldberg, Croft, Langacker, por exemplo.

<sup>3</sup> Dado que a GC não vê distinção rígida entre léxico e gramática, antes entendendo que se trata de um *continuum*, deve-se admitir que ela não descarta a possibilidade de haver (emergência de) construções prototipicamente lexicais, construções prototipicamente gramaticais e outras fronteiriças entre um tipo e outro, com graus variados de esquematicidade, de produtividade e de composicionalidade (TRAUGOTT, 2008b; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2014).

Himmelmann (2004), a uma ainda incipiente perspectiva diacrônica da gramática de construções, ressaltando fatores discursivo-pragmáticos envolvidos nesse processo.

A proposta da Gramática de Construções Diacrônica, na formulação de Noël (2007), alcança o interesse de alguns pesquisadores, ecoando em trabalhos como os de Fried (2008), Bergs e Diewald (2008), Traugott (2009), Noël e Coleman (2010), Gisborne (2011), Brems (2012), Patten (2012). Entretanto, de acordo com Traugott e Trousdale (2013), nenhum desses trabalhos apresenta, de fato, um modelo de tratamento abrangente para a mudança linguística, abarcando o *continuum* gradiente entre léxico e gramática – o que estes autores entendem sob os rótulos de *mudança construcional* e *construcionalização*.

### 3. Mudança construcional e construcionalização

A vertente denominada Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) resulta da articulação de pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Funcional norte-americana (representada por Talmy Givón, Paul Hopper, Sandra Thompson, Joan Bybee, Elizabeth Traugott e outros) e da Linguística Cognitiva, em particular, da Gramática de Construções conforme a perspectiva de GOLDBERG (1995, 2006), de CROFT (2001) e, mais recentemente, de Traugott e Trousdale (2013). No Brasil, a LFCU é praticada pelos pesquisadores do grupo Discurso & Gramática (CEZARIO; FURTADO DA CUNHA, 2013; FURTADO DA CUNHA, 2015; OLIVEIRA; ROSÁRIO, 2015).

A Gramática de Construções entende que todas as unidades da língua são simbólicas – desde morfemas simples, como o -s de plural, passando por expressões idiomáticas, como olho gordo, estruturas sintáticas, como as construções de estrutura argumental (GOLDBERG, 1995, 2006), até construções textuais – ou padrões discursivos, nas palavras de Östman e Fried (2005) –, que se referem ao pareamento tipo (a forma) e gênero (a função) que um texto instancia, tais como, por exemplo, aula, artigo de opinião, consulta médica, intimação judicial, piada, receita culinária, entre outros.

Uma gramática nesses moldes consiste de um grande número de construções de todos os tipos, de construções lexicais atômicas totalmente especificadas a construções sintáticas menos ou mais esquemáticas. Todas as construções possuem propriedades formais (fonológicas, morfológicas e sintáticas) e funcionais (semânticas, discursivas e pragmáticas), sendo organizadas de um modo particular na mente do falante (CROFT, 2001).

Conforme já assinalado, o modelo construcionista, na proposição de Goldberg, não tem preocupações diacrônicas, isto é, não se detém no tema da mudança linguística. De uma perspectiva sincrônica, concebe a língua como sendo constituída de pareamentos de forma-função – ou

construções – organizados em uma rede hierarquizada, cujos nós se acham interconectados por *links* de herança diversos (GOLDBERG, 2006; LANGACKER, 2008).

Sendo assim, postulam-se relações entre uma construção e suas diferentes instanciações bem como entre construções distintas. Esse postulado parte do princípio de que existe uma construção mais central/básica, que funciona como uma construção motivadora e, sancionadas por ela, outras podem ser criadas a partir desses *links* de herança<sup>4</sup>. Para a autora, existem quatro tipos de relações que podem ser estabelecidas: *polissemia*, *metáfora*, *subparte* e *instanciação*.

O *link* de herança por *polissemia* revela as relações semânticas entre uma construção e suas extensões de sentido. Esse tipo de *link* pode ser ilustrado, por exemplo, com as construções ditransitivas, em que as mais prototípicas exibem a ideia de que um agente causa a transferência física de um objeto para um recipiente; porém há outras que, embora apresentem a mesma estrutura sintática, são semanticamente distintas pelo fato de essa transferência física não ocorrer.

A relação por *mapeamento metafórico* se estabelece pelo fato de algum(ns) elemento(s) de uma construção aparentada ter(em) seu(s) significado(s) abstratizado(s). No caso de uma construção ditransitiva, por exemplo, a “transferência de posse” é apenas figurada, havendo mapeamento entre os domínios fonte e alvo.

O *link* por *subparte* ocorre quando uma construção apresenta uma configuração parcial de outra construção, existindo independentemente desta. Um exemplo disso é a relação entre a construção transitiva resultativa e a resultativa intransitiva em que o objeto da transitiva passa a sujeito da intransitiva.

A relação de herança por *instanciação* se mostra quando uma dada construção constitui-se num caso especial/particular de outra construção. Esse tipo de herança pode ser ilustrado, por exemplo, no caso de um verbo convencionalmente usado como intransitivo comporta-se como verbo ditransitivo causativo. Nesse caso, ele representa uma extensão de sentido da construção ditransitiva central de movimento causado, tornando-se, portanto, uma instanciação especial desta.

Segundo Goldberg (1995) e Traugott e Trousdale (2013), uma construção pode, ainda, herdar propriedades de mais de uma construção. Nesse caso, trata-se de *links* de herança múltipla. Esse tipo de relação pode ser exemplificado com uma construção interrogativa na voz passiva. Esta, sob a ótica dos autores mencionados, herda propriedades tanto da construção interrogativa como da passiva.

---

<sup>4</sup> Sob esse prisma, embora a GC não seja, em princípio, um modelo que focaliza propriamente a emergência de construções em perspectiva histórica, é admissível vislumbrar a possibilidade dessa abordagem, posto que os diversos *links* existentes entre as construções apontam relações sincrônicas bem como pressupõem vínculos diacrônicos.

Esses *links* por meio dos quais um conjunto de construções se interconecta são responsáveis pela formação de uma rede hierarquizada, em que instâncias de construções de nível inferior e mais especificadas se associam e herdam propriedades de construções superordenadas mais esquemáticas e/ou menos especificadas (GOLDBERG, 1995). Para Traugott e Trousdale (2013), a construção matriz de nível superior e mais esquemática constitui o *esquema* construcional básico. Este, dependendo de seu grau de produtividade, sanciona uma variedade de *subesquemas* subordinados, os quais podem inseminar um leque de *microconstruções* de nível mais baixo, sendo estas instanciadas por realizações efetivas no uso comunicativo.

A publicação de *Constructionalization and Constructional Changes*, por Traugott e Trousdale (2013), traz importantes contribuições para o tratamento sistemático de processos de mudança linguística. Nesse livro, os autores abordam três questões que constituem um avanço em relação a alguns dos pressupostos assumidos pela Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT, 2001, 2013; CROFT e CRUSE, 2004; entre outros) e pela gramaticalização de construções (NOËL, 2007; TRAUGOTT, 2003; 2008a, 2008b, 2009; OLIVEIRA, 2013). São elas:

- (a) a proposição de um modelo voltado exclusivamente para o tratamento da mudança linguística fundamentado na assunção de que as construções que emergem na língua são organizadas em redes taxonômicas hierarquicamente constituídas e organizadas;
- (b) a proposição de um modelo que prevê dois tipos de mudança, quais sejam, mudança construcional e construcionalização;
- (c) a proposição de um modelo que visa a explicar, de maneira sistemática, a mudança que ocorre no *continuum* entre o domínio do léxico e o da gramática.

Na concepção de Traugott e Trousdale (2013), a abordagem construcional possibilita investigar os fenômenos de mudança linguística, dando conta tanto da relação entre construções quanto da emergência de novas construções, examinando a natureza das mudanças que se dão nas construções. Esses linguistas fundamentam sua posição nos seguintes pressupostos: (i) embora certas propriedades da gramática possam ser universais (redes, organização hierárquica e herança) e compartilhadas com outros sistemas cognitivos, a gramática, tomada como conhecimento de um sistema linguístico, é específica à língua; (ii) toda mudança é mudança no uso, e o *locus* da mudança é o construto, uma instância de uso; (iii) há distinção entre inovação (propriedade de uma mente individual que é potencial para a mudança) e mudança (reprodução de uma inovação em comunidades de falantes, resultando em convencionalização; integração de uma inovação em uma tradição de fala ou escrita).

Os autores reconhecem dois tipos de mudança: (a) mudança construcional, que afeta propriedades semânticas, morfossintáticas e/ou fonológicas de uma construção existente (lexical ou gramatical), mas não resultam em uma nova construção, posto que a mudança se opera

especificamente no plano do conteúdo ou no da forma; (b) construcionalização, que é a criação de um novo pareamento forma-função – ou seja, de uma nova construção –, instaurando-se um novo nó na rede. É essa orientação que, em geral, a LFCU adota em suas pesquisas.

Embora a GC não aborde diretamente a variação linguística, esse fenômeno pode ser igualmente tratado em termos de mudança construcional. Para Traugott e Trousdale (2013), a mudança construcional afeta uma dimensão interna de uma construção (em sua forma ou em seu conteúdo), não envolvendo a criação de um novo nó na rede. Nesse caso, a mutação ocorrida pode levar à convivência de “variantes” da mesma construção, tal como se dá com “be going to” e “gonna”, por exemplo; também com o auxiliar “dever”, que pode indicar modalização deôntica ou epistêmica.

Sendo construcionalização a criação de um novo pareamento forma-função, ou de uma nova construção, é acrescentado um novo nó na rede, o qual pode ser -/+esquemático, -/+produtivo e -/+composicional. Assim, esse processo envolve mudanças no grau de esquematicidade, de produtividade e de composicionalidade da construção e resulta sempre da sucessão de micropassos, o que implica gradualidade. A gradualidade desses micropassos pode ser captada em diferentes contextos de mudança (DIEWALD, 2006c; BERGS; DIEWALD, 2009)<sup>5</sup>. Ainda segundo esses autores, enquanto a construcionalização gramatical ocorre de forma gradual, a lexical pode se dar instantaneamente. Esses fenômenos de mudança linguística, conforme postulados por Traugott e Trousdale (2013), podem ser resumidos no quadro a seguir:

Quadro 2 – Mudança linguística no modelo de Traugott e Trousdale (2013).

Fenômeno	Plano da forma	Plano da função
Mudança construcional	Forma nova	Função velha
	Forma velha	Função nova
Construcionalização	Forma nova	Função nova

Fonte: Autoria própria.

Para ilustrarmos esse quadro, citamos como exemplos de mudança construcional, em termos lexicais, a emergência da forma abreviada de “estar”, como em (*eu*) *tô*, (*ele*) *tá*; no domínio

<sup>5</sup> Para Diewald (2006c), Bergs e Diewald (2009), a mudança diacrônica envolve os seguintes contextos (que representam estágios no processo de mudança): *atípico*, quando uma dada construção é utilizada inicialmente de modo inovador; *crítico*, em que a construção exibe ambiguidade entre o uso anterior e o novo; *isolado*, no qual o novo uso não mais se confunde com o de origem, tendo identidade própria, distinta do da construção fonte.

gramatical, temos o uso recente da forma de futuro “ir + estar + verbo no gerúndio”. Esses casos indicam mudança no plano da forma com manutenção do mesmo significado básico. Ainda em relação à mudança construcional, apontamos como exemplos de alteração apenas no plano do significado a construção imperativa, a qual, em algumas situações, indica voz de comando (como na ordem/ sugestão *Vá(i) tomar banho*) e em outras, destrato/repulsa (como em *Vá(i) tomar banho* em sentido figurado). No caso de construcionalização, apresentamos como exemplos, para o domínio lexical, o uso (relativamente esquemático) de certos prefixos como substantivos, entre eles, *ex*, *pós*, *vice*, em que acumulam, além de seu significado básico, o do termo substituído a que estava associado; para o plano gramatical, a emergência da construção “tipo X”, na qual “tipo” funciona como conector.

Em seu livro *Constructional change in English*, Hilpert (2013b) distingue mudança construcional de mudança linguística, tratando aquela em termos de frequência, forma e função. A frequência representa o meio pelo qual a mudança é flagrada (identificação de *tokens* em um dado *corpus*); a forma vincula-se a alterações na estrutura morfofonêmica e morfossintática; a função diz respeito à extensão semântica (metáfora e metonímia) e analógica (expansão da classe hospedeira).

Na concepção de Hilpert (2013b), mudança linguística refere-se a uma transformação ocorrida no sistema da língua como um todo, independentemente da construção envolvida. O autor cita como exemplo desse tipo de mudança a perda, no inglês moderno, das flexões morfológicas de caso existentes no inglês antigo, fato também ocorrido na passagem do latim para o português. Trata-se, portanto, de uma mudança de ordem mais alta que afetou toda a rede de construções nessa língua. Já mudança construcional tem a ver com caso(s) específico(s) de alteração ocorrido(s) em uma construção ou em um grupo de construções. Para exemplificar esse fenômeno, o autor cita a modificação da 3ª pessoa do singular dos verbos – de “-(e)th” para “-(e)s” – verificada entre o inglês medieval e o contemporâneo. Entretanto, essa modificação morfofonológica não atingiu todas as construções da língua, visto que permanecem casos como *broth*, *wealth*, *smooth*, *loath* e similares.

Tomando a distinção entre mudança construcional e construcionalização, pesquisadores do grupo Discurso & Gramática sediados na UFRN consideram que nem sempre é possível identificar se a mudança operada numa determinada construção resulta ou não em novo pareamento forma-função devido ao caráter específico de cada construção e, ainda, ao fato de que qualquer diferença na forma reflete alteração em algum aspecto do conteúdo (semântico e/ou pragmático), como prevê a Linguística Funcional. Concluem, então, que a distinção entre os dois termos pode não ser, do ponto de vista operacional, muito útil (BISPO; SILVA, 2016). Para uma investigação de fatos da língua numa perspectiva funcional centrada no uso, parece ser mais exequível trabalhar com o conceito de mudança construcional na ótica de Hilpert (2013a, 2013b), que pode ser aplicado indiferentemente a

alterações de forma e/ou de significado, as quais podem ou não redundar em criação de um novo pareamento forma-função.

## Para concluir

Os funcionalistas defendem que as línguas mudam pra atender a demandas comunicativas e cognitivas. O processo de mudança linguística tem atraído o interesse de estudiosos da linguagem desde a Antiguidade Clássica, passando pelo tratamento de natureza mais científica dos neogramáticos, no século XIX. De lá para cá, vários modelos teórico-metodológicos têm buscado dar conta desse processo.

Nesta breve exposição, procuramos mostrar como a pesquisa produzida sob a orientação da Linguística Funcional vem tratando essa questão. Para tanto, revimos o conceito de gramaticalização estabelecido na Linguística Funcional Clássica, o qual, com o advento da Gramática de Construções, desembocou na proposição de uma Gramática de Construções Diacrônica, e culminou na formulação de uma abordagem construcional da variação e da mudança linguísticas.

Os avanços e ganhos teórico-metodológicos advindos da mudança de perspectiva – do paradigma de gramaticalização para a abordagem da construcionalização/mudança construcional – registram-se, particularmente, em diversos trabalhos no âmbito do grupo Discurso & Gramática. Tais avanços podem ser verificados em análises aplicadas a fenômenos do português brasileiro, conforme se encontram, por exemplo, em Arena (2014), sobre a construcionalização do conector *daí que*; Furtado da Cunha (2015), quanto à rede polissêmica da construção ditransitiva no PB; Rosário e Oliveira (2016), a respeito da mudança linguística da construção *LocVconec*; Bispo e Moreira (2017), acerca dos processos de mudança da construção na hora *(em) que + oração*; Santos e Cezario (2017), em torno da formação da construção *XQUEconect* no português; Fumaux, Alonso e Cezario (2017), quanto à construcionalização de um monte de SN; Silva (2017), sobre a mudança construcional na intensificação de verbos no PB, entre outros.



## Referências bibliográficas

- ARENA, Ana Beatriz. Rota de construcionalização do conector daí que: uma abordagem funcional centrada no uso. **Soletras** – Revista do Departamento de Letras da FFP/UERJ, n. 28, p. 61-77, jul-dez 2014.
- BERGS, Alexander; DIEWALD, Gabriele (Ed.). **Constructions and language change**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2008.
- BERGS, Alexander; DIEWALD, Gabriele (Ed.). **Contexts and constructions**. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2009. (Col. Constructional Approaches to Language, v. 9).
- BISPO, Edvaldo B.; MOREIRA, Beatriz de L. Mudança construcional e construcionalização em estruturas do tipo na hora (em) que + oração. **Odisseia**, Natal, v. 2, n. esp., p. 144-163, 2017.
- BISPO, Edvaldo B.; SILVA, José Romerito. Variação linguística, mudança construcional e construcionalização. **VIII Seminário Internacional do Grupo Discurso & Gramática** (Trabalho apresentado). Rio de Janeiro: UFRJ, 2016.
- BREMS, Lieselotte. The stablishment of quantifier constructions for size nouns: a diachronic study of *heap(s)* and *lot(s)*. **Journal of Historical Pragmatics**, 13, p. 202-231, 2012.
- BYBEE, Joan. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- BYBEE, Joan. **Language change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- BYBEE, Joan.; PERKINS, Revere; PAGLIUCA, William. **The evolution of grammar: Tense, aspect, and modality in the languages of the world**. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1994.
- CEZARIO, Maria Maura.; FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. (Org.). **Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Mauad X; FAPERJ, 2013.
- CROFT, William. **Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective**. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- CROFT, William. **Radical Construction Grammar**. In: HOFFMANN, Thomas; TROUSDALE, Graeme. (Ed.). **The Oxford Handbook of Construction Grammar**. New York: Oxford University Press, 2013.
- CROFT, William.; CRUSE, Alan D. **Cognitive linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- DIEWALD, Gabriele. Context types in grammaticalization as constructions. **Constructions**, 1(9), Special Vol. 1: constructions all over – case studies and theoretical implications. p. 1-29, 2006c. Disponível em: <https://journals.linguisticsociety.org/elauguage/constructions/article/view/24.html>. Acesso em: 22 fev. 2019.



- DU BOIS, John W. Competing motivations. In: HAIMAN, John. (Ed.). **Iconicity in syntax**. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 1985, p. 343-366.
- FRIED, Mirjam. Constructions and constructs: mapping a shift between predication and attribution. In: BERGS, Alexander; DIEWALD, Gabriele (Ed.). **Constructions and language change**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2008, p. 47-80.
- FUMAUX, Nuciene Caroline A.; ALONSO, Karen Sampaio B.; CEZARIO, Maria Maura. Construcionalização de um monte de SN: uma abordagem centrada no uso. **PERcursos Linguísticos**. Vitória, v. 7, n. 14, p. 139-158, 2017.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. Variação e mudança no domínio funcional da negação. **Gragoatá**, v. 9. Niterói: EdUFF, p. 155-170, 2000.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. O estatuto argumental do objeto indireto e a construção ditransitiva no português do Brasil. In: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. (Org.). **A gramática da oração: diferentes olhares**. Natal: EDUFRN, 2015. p. 135-165.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. (Org.). **Procedimentos discursivos na fala de Natal: uma abordagem funcionalista**. Natal: EDUFRN, 2000.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica.; SILVA, Maria Aparecida da. A gramaticalização do verbo ir: implicações para o ensino. In: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica.; TAVARES, Maria Alice. (Orgs.). **Funcionalismo e ensino de gramática**. Natal: EDUFRN, 2007. p. 53-86.
- GISBORNE, Nikolas. Constructions, Word Grammar and grammaticalization. **Cognitive Linguistics**, 22(1), p. 155-182, 2011.
- GIVÓN, Talmy. Historical syntax and synchronic morphology: an archeologist's field trip. **Papers from the 7th Regional Meeting**. Chicago: Chicago Linguistic Society, 1971.
- GIVÓN, Talmy. **On understanding grammar**. New York: Academic Press, 1979a.
- GIVÓN, Talmy. From discourse to syntax: grammar as a processing strategy. In: GIVÓN, Talmy. (Ed.). **Syntax and semantics**, v. 12: Discourse and syntax. New York: Academic Press, 1979b.
- GIVÓN, Talmy. **Isomorphism in the grammatical code: cognitive and biological considerations**. Oregon: The University of Oregon, 1990.
- GIVÓN, Talmy. **Functionalism and grammar**. Amsterdam: John Benjamins, 1995.
- GOLDBERG, Adele E. **A construction grammar approach to argument structure**. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1995.
- GOLDBERG, Adele E. **Constructions at work**. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- GONÇALVES, Sebastião Carlos. L.; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia C. (Orgs.). **Introdução à gramaticalização:**

- princípios teóricos e aplicação. São Paulo: Parábola, 2007. (Série Língua[gem], 21).
- HAIMAN, John. From V/2 to subject clitics: evidence from Northern Italian. In: TRAUGOTT, Elizabeth C.; HEINE, Bernd. (Ed.). **Approaches to grammaticalization**. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 1991, p. 135-158.
- HEINE, Bernd CLAUDI, Ulrike; HÜNNEMEYER, Friederike. (Ed.). **Grammaticalization: a Conceptual Framework**. Chicago: Chicago University Press, 1991.
- HILPERT, Martin. Corpus-based approaches to constructional change. In: HOFFMANN, Thomas; TROUSDALE, Graeme. (Ed.). **The Oxford Handbook of Construction Grammar**. New York: Oxford University Press, 2013a. p. 334-346.
- HOFFMANN, Thomas. **Constructional change in English: developments in allomorphy, word formation, and syntax**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013b.
- HOPPER, Paul. J. Aspect and foregrounding in discourse. In: GIVÓN, Talmy. (Ed.). **Syntax and semantics**, v. 12: Discourse and syntax. New York: Academic Press, 1979.
- HOPPER, Paul. J. **Emergent grammar**. Berkeley Linguistic Society, v. 13, p. 139-157, 1987.
- HOPPER, Paul. J. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, Elizabeth C.; HEINE, Bernd. (Eds.). **Approaches to grammaticalization: focus on theoretical and methodological issues**. v. 1. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 17-37, 1991.
- HOPPER, Paul. J.; TRAUGOTT, Elizabeth C. **Grammaticalization**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003 [1993].
- KURYLOWICZ, Jerzy. The evolution of grammatical categories. In: **Esquisses Linguistiques II**. Munique: Fink, 1965. p. 38-54.
- LANGACKER, Ronald W. **Cognitive Grammar: A basic Introduction**. New York: Oxford University Press, 2008.
- LEHMANN, M. Christian. **Thoughts on grammaticalization: a programmatic sketch**. Köln: Arbeiten des Kölner Universalien-Projekts, 1982.
- LEHMANN, M. Christian. Grammaticalization: synchronic variation and diachronic change. **Lingua e Stile**, 20: 303-318, 1985.
- LOPES-DAMASIO, Lúcia R.; SANTOS, Grasiela V. dos. Gramaticalização dos juntores “ainda”, “assim” e “logo”: um estudo da variedade mato-grossense do português brasileiro. **RELIN**, v. 24, n. 1, p. 333-370, 2016.
- MARTELOTTA, Mario E. Gramaticalização de conectivos portugueses: uma trajetória do espaço para o texto. **Estudos Linguísticos/Linguistic Studies**, 2, Lisboa: Edições Colibri/CLUNL, p. 41-60, 2008.
- MARTELOTTA, Mario E.; VOTRE, Sebastião J.; CEZARIO, M. Maura. (Orgs.). **Gramaticalização no português do**

- Brasil.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- MEILLET, Antoine P. J. L'évolution des formes grammaticales. *Scientia*, v. 12, n. 26, 1912.
- NOËL, Dirk. Diachronic construction grammar and grammaticalization theory. *Func-tions of Language*, v. 14, n. 2, p. 177-202, 2007.
- NOËL, Dirk.; COLLEMAN, Timothy. Believe-type raising-to-object and raising-to-subject verbs in English and Dutch: a contrastive investigation in diachronic construction grammar. *International Journal of Corpus Linguistics*, 15(2), p. 157-182, 2010.
- OLIVEIRA, Leonor Araújo B. de. A trajetória de gramaticalização do onde. In: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. (Org.). **Procedimentos discursivos na fala de Natal: uma abordagem funcionalista.** Natal: EDUFRN, 2000. p. 171-212.
- OLIVEIRA, Mariangela R. Gramaticalização de construções como tendência atual dos estudos funcionalistas. *Estudos Linguísticos*, 42 (1): p. 148-162, jan-abr 2013.
- OLIVEIRA, Mariangela R.; ROSÁRIO, Ivo da C. do. (Org.). **Pesquisa em linguística funcional: convergências e divergências.** Rio de Janeiro: Leo Christiano Editorial, 2015.
- ÖSTMAN, Jan-Ola.; FRIED, Mirjam. (Eds.). **Construction grammars: cognitive grounding and theoretical extensions.** Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2005.
- PATO, Enrique. Indefinite Article + Possessive + Noun in Spanish: a Case of refunctionalization? *Languages*, 3 (44), 2018.
- PATTEN, Amanda. **The english it-cleft: a constructional account and a diachronic investigation.** Berlin: Mouton de Gruyter, 2012.
- RAMAT, Anna G. Testing the boundaries of grammaticalization. In: RAMAT, Anna G.; HOPPER, Paul J. (Eds.). **The limits of grammaticalization.** Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 1998. p. 107-127.
- ROSÁRIO, Ivo da C. do; OLIVEIRA, Mariangela R. de. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa*, 60 (2): p. 233-259, 2016.
- SANTOS, Monique Petin K. dos; CEZARIO, Maria Maura. Estudo cognitivo-funcional da formação da construção [XQUE]CONNECT no Português. *Gallæcia - Estudos de linguística portuguesa e galega.* Universidade de Santiago de Compostela, p. 959-974, 2017.
- SILVA, José Romerito. (Inter)subjetividade e extensão semântica em construções com *aquele*. In: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito (Org.). **Variação e mudança em perspectiva construcional [recurso eletrônico].** Natal: EDUFRN, 2018, p. 167-209.
- SILVA, José Romerito. Grau do verbo e mudança construcional. **III Simpósio Internacional de Estudos de Tradições Discursivas** (Trabalho apresentado). Natal: UFRN, 2017.

SILVA, Maria Aparecida.

**Gramaticalização do verbo ir.**

Dissertação Mestrado. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2000.

THOMPSON, Sandra A.; MULAC, Anthony. quantitative perspective on the grammaticalization of epistemic parenthetical in English. *In*: TRUGOTT, Elizabeth C.; HEINE, Bernd. (Ed.).

**Approaches to grammaticalization.**

Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 1991, p. 314-329.

TRUGOTT, Elizabeth C. From propositional to textual and expressive meanings: some semantic-pragmatic aspects of grammaticalization. *In*: LEHMANN, Winfred P.; MALKIEL, Yakov. (Ed.). **Perspectives on historical linguistics.** Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 1982. p. 245-271.

TRUGOTT, Elizabeth C. Constructions in grammaticalization. *In*: JOSEPH, Brian D.; JANDA, Richard D. (Ed.). **The handbook of historical linguistics.** Oxford: Blackwell, 2003. p. 624-647.

TRUGOTT, Elizabeth C. Exaptation and grammaticalization. *In*: AKIMOTO, Minoji (Ed.). **Linguistic studies based on corpora.** Tokyo: Hituzi Syobo Publishing, 2004, p.133-156.

TRUGOTT, Elizabeth C. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: suggestions from the development of degree modifiers in English. *In*: ECKARDT, Regine; JÄGER, Gerhard; VEENSTRA, Tonjes. (Ed.). **Variation, selection, development: probing the evolutionary model of language.** New

York: Mouton de Gruyter, 2008a, p. 219-250.

TRUGOTT, Elizabeth C. All that he endeavoured to prove was...: on the emergence of gramatical constructions in dialogic contexts. *In*: COOPER, Robin; KEMPSON, Ruth. (Eds.). **Language in flux: dialogue coordination, language variation, change and evolution.** London: Kings College Publications, 2008b, p. 143-177.

TRUGOTT, Elizabeth C. Grammaticalization and construction grammar. *In*: CASTILHO, Ataliba T. de (Org.). **História do português paulista.** v. 1. Campinas: Publicações IEL, 2009, p. 91-101.

TRUGOTT, Elizabeth C.; HEINE, Bernd. (Eds.). **Approaches to grammaticalization: focus on theoretical and methodological issues.** v. 1. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 1991.

TRUGOTT, Elizabeth C.; KÖNIG, Ekkehard. The semantics-pragmatics of grammaticalization revisited. *In*: TRUGOTT, Elizabeth C.; HEINE, Bernd. (Eds.). **Approaches to grammaticalization: focus on theoretical and methodological issues.** v. 1. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 1991, p. 189-218.

TRUGOTT, Elizabeth C.; TROUSDALE, Graeme. **Constructionalization and constructional changes.** Oxford: Oxford University Press, 2013.

TRAUGOTT, Elizabeth C.;  
TROUSDALE, Graeme. Contentful  
constructionalization. **Journal of Historic  
Linguistics**, 4:2, John Benjamins, p. 256-  
283, 2014.

VOTRE, Sebastião J.; NARO, Anthony J.  
**Mecanismos funcionais do uso da  
língua**. DELTA, São Paulo v. 5, n. 2, p.  
169-84, 1989.